

REUNIÃO DE FUNCIONÁRIOS DO PARTIDO DE MOSCOVO

**Vladimir Ilitch Lénine
1918**

27 Novembro 1918

Presente tradução na versão das Obras Escolhidas de V.I.Lénine
Edição em Português da Editorial Avante, 1986, t4, pp 94-115
Traduzido das Obras Completas de V.I. Lénine
5ªEd. russo t.37, pp. 207-233

I

RELATÓRIO SOBRE A ATITUDE DO PROLETARIADO EM RELAÇÃO À DEMOCRACIA PEQUENO-BURGUESA

Camaradas, gostaria de falar-vos acerca das tarefas que incumbem ao nosso partido e ao poder soviético em ligação com a questão da atitude do proletariado em relação à democracia pequeno-burguesa. Os últimos acontecimentos colocam sem dúvida essa questão na ordem do dia, porque a gigantesca alteração ocorrida na situação internacional, como a anulação do tratado de Brest¹, a revolução na Alemanha, a falência do imperialismo alemão e a desagregação do imperialismo anglo-americano, não podiam deixar de minar toda uma serie de princípios democráticos burgueses que constituíam a base teórica da democracia pequeno-burguesa. A situação militar na Rússia, a arremetida do imperialismo anglo-francês e americano, não podiam deixar de empurrar uma parte dessa pequena burguesia mais ou menos para o nosso lado. Pois é sobre estas mudanças que é necessário introduzir na nossa táctica, sobre as novas tarefas que surgem perante nós, que eu queria falar convosco esta noite.

Permitam-me que comece por algumas teses teóricas fundamentais. Não há dúvida de que a principal camada social que dá uma base económica à democracia pequeno-burguesa é na Rússia o campesinato médio. Não há dúvida de que a revolução socialista e a passagem do capitalismo ao socialismo deve inevitavelmente assumir formas particulares num país em que a população camponesa atinge um número considerável. Por isso eu queria antes de mais nada recordar-vos de que modo se estabeleceram as teses fundamentais do marxismo sobre a atitude do proletariado em relação ao campesinato médio. Para vo-lo recordar, vou ler-vos algumas afirmações feitas por Engels no seu artigo *A Questão Camponesa em França e na Alemanha*. Este artigo, publicado em brochura separada, foi escrito em 1895 ou 1894, quando a questão do programa agrário do partido socialista em relação ao campesinato se colocou praticamente na ordem do dia em ligação com a discussão do programa da social-democracia alemã no congresso de Breslau desse partido². Eis como Engels falava então da atitude do proletariado: «Qual é, então, a nossa atitude para com o pequeno campesinato?... Em primeiro lugar, a proposição do programa francês está incondicionalmente correcta: antevemos a decadência inevitável do pequeno camponês, mas, de modo nenhum, somos chamados a acelerá-la através de ataques da nossa parte. E, em segundo lugar, é igualmente palpável que, quando estivermos de posse do poder do Estado, não poderemos pensar em expropriar pela força os pequenos camponeses (tanto faz que com ou sem indemnização) como seremos obrigados a fazer com os grandes possuidores fundiários. A nossa tarefa face ao pequeno camponês consiste, antes do mais, em fazer transitar a sua exploração privada e a sua posse privada para uma exploração e posse cooperativas, não pela força mas através do exemplo e da oferta de ajuda social para esse objectivo»³.

1 Lénine refere-se ao tratado de paz entre a Rússia soviética e os países do bloco alemão (Alemanha, Áustria-Hungria, Bulgária e Turquia), assinado em 3 de Março de 1918 em Brest-Litovsk. As condições de paz eram extremamente penosas para a Rússia soviética. Segundo o tratado, deviam ficar sob o controlo da Alemanha e da Áustria-Hungria a Polónia, quase toda a região do Báltico, e uma parte da Bielorrússia: a Ucrânia separava-se da Rússia soviética e tornava-se um Estado dependente da Alemanha. Uma parte do território passava para a Turquia. Em Agosto de 1918, a Alemanha impôs à Rússia soviética um tratado adicional e um acordo financeiro nos quais se apresentava novas exigências espoliadoras. Depois da revolução de Novembro de 1918 na Alemanha, que derrubou o regime monárquico, o CECR proclamou a anulação do injusto e espoliador tratado de Brest-Litovsk.

2 O motivo directo que levou F. Engels a escrever o artigo *A Questão Camponesa em França e na Alemanha* foi a intervenção acerca da questão agrária no Congresso de Frankfurt do Partido Social-Democrata da Alemanha, em Outubro de 1894, de um dos dirigentes da ala direita do partido, Vollmar, que deturpou num espírito oportunista as opiniões de Engels em relação ao pequeno campesinato. Numa carta à redacção do jornal *Vorwärts*, Engels refutou as invenções de Vollmar e comunicou a sua intenção de escrever um artigo com a exposição e a fundamentação do seu ponto de vista acerca da questão agrária. O artigo foi publicado na revista *Die Neue Zeit* em Novembro de 1894. O Congresso de Frankfurt encarregou uma comissão especial de elaborar o programa agrário para o congresso seguinte. O projecto de programa agrário elaborado pela comissão foi discutido em Outubro de 1895 no congresso do partido em Breslau. O projecto, redigido num espírito revisionista, foi rejeitado pelo congresso.

3 K. Marx/F. Engels, Obras Escolhidas, t. III, pp. 526-527.

Mais adiante, Engels dizia sobre esta questão: «Nem agora nem nunca mais podemos prometer aos camponeses das parcelas a manutenção da propriedade individual e da exploração individual contra o poder superior da produção capitalista. Nós só lhes podemos prometer que não interferiremos nas suas relações de propriedade contra vontade deles, pela força.»⁴

Finalmente, a última afirmação que queria recordar-vos, é a reflexão sobre os camponeses ricos, sobre os grandes camponeses (os «kulaques», para falar russo), quer dizer, os camponeses que não dispensam a utilização de mão-de-obra assalariada. Se estes camponeses não compreenderem a inevitabilidade da destruição do seu modo de produção actual e não forem capazes de retirar para si as necessárias conclusões, os marxistas não poderão fazer nada por eles. O nosso dever é apenas facilitar-lhes também a eles a passagem ao novo modo de produção⁵.

Tais são as teses que eu queria recordar-vos e que, sem dúvida, são conhecidas de todos os comunistas. Por esta tese vemos que a tarefa do proletariado depois de tomar o poder de Estado não pode de modo nenhum ser idêntica nos países onde predomina o regime do grande capitalismo e nos países onde predomina um campesinato atrasado, pequeno, médio e grande. Vemos que expusemos de maneira perfeitamente precisa a tarefa do marxismo, quando dizíamos que em relação ao latifundiário explorador a nossa obrigação era a guerra.

Em relação ao camponês médio, dizemos: nenhuma violência, de modo nenhum. Em relação ao grande camponês, dizemos: a nossa palavra de ordem é a sua submissão ao monopólio dos cereais; a luta contra eles quando o monopólio dos cereais for violado, quando eles esconderem os cereais. Tive recentemente a oportunidade de repetir estas teses numa reunião de algumas centenas de pessoas - representantes dos comités de camponeses pobres, que se reuniram em Moscovo simultaneamente com o VI Congresso⁶. Na literatura do nosso partido, na propaganda e na agitação sempre sublinhámos esta diferença das nossas atitudes em relação à grande burguesia e à pequena burguesia. Mas, estando teoricamente todos de acordo, estamos longe de ter todos tirado as correspondentes conclusões políticas e longe de o ter feito com rapidez bastante. E eu comecei de propósito, por assim dizer, de longe, para vos mostrar quais os conceitos económicos sobre as relações mútuas entre as classes por que devemos orientar-nos para colocar em bases indiscutíveis a questão da nossa política em relação à democracia pequeno-burguesa.

Não há dúvida de que essa classe dos pequenos camponeses (chamamos médio ao camponês que não vende a sua força de trabalho), esse camponês é, pelo menos na Rússia, a principal classe económica, que constitui a base da ampla variedade de correntes políticas na democracia pequeno-burguesa. Na Rússia essas correntes estão sobretudo ligadas aos partidos dos mencheviques e dos socialistas-revolucionários. A história do socialismo na Rússia conhece uma longa luta dos bolcheviques contra esses partidos, e os socialistas europeus ocidentais encararam constantemente essa luta como uma luta no interior do socialismo, isto é, como uma cisão do socialismo na Rússia. Diga-se entre parênteses que esse ponto de vista é expresso muito frequentemente nas intervenções mesmo de bons sociais-democratas.

Hoje mesmo entregaram-me uma carta de Friedrich Adler, homem conhecido pelo seu comportamento revolucionário na Áustria. A sua carta, escrita em fins de Outubro e recebida hoje, contém apenas um pedido: não será possível libertar os mencheviques da prisão? Num momento como este, ele não encontrou nada mais inteligente para escrever do que este pedido. É verdade que

4 K. Marx/F. Engels, Obras Escolhidas, t. III, pp. 528.

5 K. Marx/F. Engels, Obras Escolhidas, t. III, pp. 530-531

6 O VI Congresso Extraordinário de Toda a Rússia dos Sovietes de Deputados Operários, Camponeses, Cossacos e Soldados Vermelhos realizou-se em Moscovo de 6 a 9 de Novembro de 1918; o início dos trabalhos do congresso coincidiu com os festejos do primeiro aniversário da Revolução Socialista de Outubro. Em 8 de Novembro de 1918 realizou-se uma Conferência de delegados dos comités camponeses pobres das gubérnias centrais, na qual Lênine proferiu um discurso sobre as tarefas dos pobres do campo na revolução.

ele ressaltou que não está informado sobre o nosso movimento, etc., mas em todo o caso isto é característico. Esse erro ridículo dos socialistas europeus ocidentais explica-se pelo facto de que eles olham para trás e não para a frente e não compreendem que nem os mencheviques nem os socialistas-revolucionários (que pregam o socialismo) são pessoas que possam ser incluídas entre os socialistas. Os mencheviques e os socialistas-revolucionários durante todo o tempo da revolução de 1917 não fizeram mais que oscilar entre a burguesia e o proletariado, nunca foram capazes de tomar uma posição correcta e, como que propositadamente, ilustraram a tese de Marx segundo a qual a pequena burguesia é incapaz de assumir qualquer posição independente nas batalhas decisivas.

Desde o início, o proletariado, quando criou os sovietes, revelou instintivamente uma posição de classe definida, até pelo próprio facto de criar os sovietes. Os mencheviques e socialistas-revolucionários oscilaram sempre. E se os seus próprios amigos lhes chamavam na Primavera e no Verão de 1917 «semibolcheviques», isso não era apenas um gracejo mas uma caracterização justa. Em nenhuma questão (veja-se a questão dos sovietes, do movimento revolucionário no campo, da ocupação imediata da terra, da confraternização na frente, do apoio ou não apoio ao imperialismo), em todas estas questões essenciais os mencheviques e os socialistas-revolucionários diziam hoje «sim» e amanhã «não». Por um lado ajudavam, por outro lado não ajudavam, e mostravam-se como um exemplo de falta de carácter e de incapacidade. E por outro lado, quando lançavam à população a frase «pelos sovietes» (é que eles sempre chamaram aos sovietes «democracia revolucionária» e opunham-nos àquilo a que chamavam elemento censitário), isso era da parte deles apenas um expediente político astucioso, e as amplas massas, em cujas fileiras essas palavras caíam, entusiasmavam-se: «isto é pelo soviete!». A pregação dos mencheviques serviu-nos em parte também a nós.

Esta é uma questão muito complexa, com uma história muito rica, e basta-me referi-la brevemente. E essa política dos mencheviques e socialistas-revolucionários demonstra definitivamente aos nossos olhos a nossa tese segundo a qual é um erro considerá-los socialistas. Eram socialistas, talvez, apenas pela fraseologia e pelas recordações. De facto isto é a pequena burguesia russa.

Comecei por qual deve ser a atitude dos marxistas em relação ao camponês médio, por outras palavras, aos partidos pequeno-burgueses. Aproximamo-nos agora de uma fase em que as nossas anteriores palavras de ordem do período precedente da revolução se devem modificar a fim de ter devidamente em conta a actual viragem. Sabeis que em Outubro-Novembro esses elementos vacilavam.

O partido dos bolcheviques mostrou-se então intransigente e actuou correctamente; dissemos a nós próprios que tínhamos que aniquilar os inimigos do proletariado, que nos esperavam batalhas em torno das questões fundamentais da guerra e da paz, da representação burguesa, do poder soviético. Em todas essas questões só pudemos apoiar-nos nas nossas forças, e actuámos de maneira inteiramente correcta quando não aceitámos o compromisso com a democracia-burguesa.

O curso ulterior dos acontecimentos colocou perante nós a questão da paz e da conclusão do tratado de paz de Brest. Sabeis que o tratado de de Brest afastou de nós os elementos pequeno-burgueses.

Destas duas circunstâncias, da nossa política externa que conduziu à conclusão do tratado de paz de Brest, e da nossa luta implacável contra as ilusões democráticas de uma parte da democracia pequeno-burguesa, da nossa luta implacável pelo poder soviético - dessas duas circunstâncias resultou que a democracia pequeno-burguesa se afastou bruscamente de nós. Sabeis que depois do tratado de paz de Brest começaram as vacilações entre os socialistas-revolucionários de esquerda. Uma parte deles lançou-se numa aventura, a outra parte dividiu-se e continua a dividir-se ainda hoje. Mas um facto continua a ser um facto. Nós, naturalmente, não podemos, nem por um momento, ter a menor dúvida de que a nossa política foi então absolutamente correcta. Demonstra-

lo hoje é repetir lugares-comuns, porque a revolução alemã demonstrou melhor que tudo a justeza das nossas opiniões.

Aquilo de que mais nos censuraram depois do tratado de paz de Brest e que mais frequentemente ouvimos das massas operárias pouco conscientes é que eram vãs as esperanças que depositávamos na revolução alemã e que ela não eclodia. A revolução alemã refutou todas essas censuras e demonstrou a justeza das nossas ideias de que ela tinha de chegar, de que devíamos lutar contra o imperialismo alemão não apenas através da guerra nacional mas também através da propaganda e da sua desagregação a partir do interior. Os acontecimentos confirmaram de tal modo os nossos pontos de vista que não há nada a demonstrar. Tal como no caso da Assembleia Constituinte, as vacilações eram aqui inevitáveis, e o curso dos acontecimentos confirmou de tal modo a justeza das nossas ideias que presentemente todas as revoluções que se iniciaram no Ocidente decorrem sob a palavra de ordem de poder soviético e instaurarão este poder soviético. Os soviets, eis o que caracteriza a revolução por toda a parte. Eles passaram da Áustria e da Alemanha à Holanda e à Suíça (países com a mais antiga cultura democrática, que a si próprios se chamam Europa Ocidental mesmo em relação à Alemanha). Lança-se neles a palavra de ordem de poder soviético. Isso significa que a falência histórica da democracia burguesa não era uma invenção dos bolcheviques, mas uma necessidade histórica absoluta. Na Suíça e na Holanda, a luta política tinha lugar há já centenas de anos, e se agora a palavra de ordem de poder soviético é ali apresentada não é pelos lindos olhos dos bolcheviques. Isto quer dizer que nós tivemos correctamente em conta o presente. O curso dos acontecimentos confirmou de tal modo a justeza da nossa táctica que é desnecessário determo-nos mais nesta questão. É preciso apenas compreender que é uma questão séria, a questão do mais profundo preconceito da democracia pequeno-burguesa. Recordai a história geral da revolução burguesa e do desenvolvimento do parlamentarismo em todos os países da Europa Ocidental e vereis que este tipo de preconceitos dominaram em todos os países entre os velhos sociais-democratas dos anos 40. Foi em França que essas ideias se mantiveram durante mais tempo. Não pode ser de outro modo. A pequena burguesia é mais patriótica em questões de parlamentarismo, é a mais patriótica se a compararmos com o proletariado e com a grande burguesia. Esta última é mais internacional, porque a pequena burguesia é menos móvel, não está tão ligada aos outros povos e não é atraída para a circulação comercial mundial. Por isso era de esperar que fosse precisamente na questão do parlamentarismo que a pequena burguesia mais se manifestaria. Assim foi também na Rússia. Desempenhou neste aspecto um grande papel o facto de que a nossa revolução lutou contra o patriotismo. Na época do tratado de paz de Brest tivemos de ir contra o patriotismo. Nós dizíamos: se és socialista, debes sacrificar todos os teus sentimentos patrióticos em nome da revolução internacional que virá, que ainda não eclodiu mas na qual debes confiar se és internacionalista.

E compreende-se que ao falar assim nós só podíamos atrair para o nosso lado os destacamentos avançados da classe operária. Compreende-se que a maioria da pequena burguesia não partilhasse o nosso ponto de vista. Não podíamos esperá-lo. E como poderia a pequena burguesia adoptar o nosso ponto de vista? Tivemos de realizar a ditadura do proletariado na sua forma mais rigorosa. Atravessámos durante alguns meses uma época de entusiasmo por ilusões. Mas se considerarmos a história dos países da Europa Ocidental, aí essas ilusões não se dissiparam durante dezenas de anos. Considere-se história da Holanda, da França, da Inglaterra, etc. Tivemos que quebrar a ilusão pequeno-burguesa segundo a qual o povo é algo único e a vontade do povo pode ser expressa de qualquer outro modo que não a luta de classes. Tivemos inteira razão em não entrar em quaisquer compromissos relativamente a esta questão. Se tivéssemos condescendido com as ilusões pequeno-burguesas, com a ilusão constitucionalista, teríamos deitado a perder toda a causa da revolução proletária na Rússia. Teríamos sacrificado aos interesses estreitamente nacionais os interesses da revolução internacional, que seguia senda do bolchevismo, porque ela não era nacional, mas puramente proletária. E foi nestas condições que as massas pequeno-burguesas mencheviques e socialistas-revolucionárias se afastaram de nós. Elas passaram para o outro lado das barricadas,

foram parar ao lado nossos inimigos. Quando começou a insurreição dos dutovistas, convencemo-nos com toda a evidência de que entre os partidários de Dútov, Krasnov e Skoropadski se encontravam as forças políticas que lutavam contra nós. Ao nosso lado estava o proletariado e o campesinato pobre.

Sabeis que por toda a Rússia, durante a intervenção checoslovaca quando ela decorria com maior êxito, nessa altura ocorriam por toda a Rússia insurreições de kuláques. Só a aproximação entre o proletariado urbano e o campo reforçou o nosso poder. Só o proletariado, com a ajuda dos pobres do campo, sustentou a luta contra todos os inimigos. Tanto os mencheviques como os socialistas-revolucionários estiveram, na sua enorme maioria, ao lado dos checoslovacos, de Dútov e de Krasnov. Esta situação exigia de nós a luta mais encarniçada e os métodos terroristas dessa guerra. Por mais que pessoas de diferentes pontos de vista condenassem esse terrorismo (e essa condenação ouvimo-la de todos os sociais-democratas vacilantes), para nós é evidente que o terror foi provocado pela guerra civil exacerbada. Ele foi provocado pelo facto de que todos os democratas pequeno-burgueses se voltaram contra nós. Eles travavam a guerra contra nós por diferentes meios a guerra civil, a corrupção, a sabotagem. Tais foram as condições que criaram a necessidade do terror. Por isso não devemos arrependê-nos dele nem renega-lo. Devemos apenas compreender claramente quais as condições da nossa revolução proletária que provocaram a aspereza da luta. Essas condições particulares consistiram em que tivemos de actuar contra o patriotismo, em que tivemos de substituir a Assembleia Constituinte pela palavra de ordem «Todo o poder aos soviets».

Mas quando começou a viragem na política internacional, iniciou-se inevitavelmente uma viragem na posição da democracia pequeno-burguesa. Vemos uma modificação do estado de espírito no seu campo. No apelo dos mencheviques vemos uma exortação à recusa da aliança com as classes possidentes, exortação dirigida pelos mencheviques aos seus amigos, os democratas pequeno-burgueses, que concluíram uma aliança com os dutovistas, os checoslovacos e os ingleses. Eles dirigem-lhes um apelo para que lutem contra o imperialismo anglo-americano. Hoje é claro para toda a gente que não há nenhuma força, além do imperialismo anglo-americano, que possa opor o que quer que seja ao poder bolchevique. O mesmo tipo de vacilações ocorre no seio dos socialistas-revolucionários e no seio da intelectualidade, que partilha mais que ninguém os preconceitos da democracia pequeno-burguesa, que mais que ninguém estava cheia de prevenções patrióticas. No seu seio verifica-se o mesmo processo.

Presentemente a tarefa do nosso partido consiste em, ao escolher a sua tática, orientar-se pelas relações de classe, a fim de vermos claramente nesta questão se se trata de um acaso, de uma manifestação de falta de carácter, de vacilações, que não assentam sobre nenhum terreno, ou, pelo contrário, de um processo que tem profundas raízes sociais. Se encararmos esta questão no seu conjunto do ponto de vista da atitude teoricamente estabelecida do proletariado em relação ao campesinato médio, do ponto de vista da história da nossa revolução, veremos que é impossível duvidar da resposta. **Esta viragem não é acidental, não é individual.** Ela diz respeito a milhões e milhões de pessoas que na Rússia estão colocadas na situação do campesinato médio ou correspondente ao campesinato médio. A viragem diz respeito a toda a democracia pequeno-burguesa. Ela esteve contra nós com uma exacerbação que ia até ao furor porque nós tivemos que quebrar todos os seus sentimentos patrióticos. Mas a história procedeu de tal modo que agora o patriotismo está a virar para o nosso lado. Pois é evidente que não é possível derrubar os bolcheviques a não ser pelas baionetas estrangeiras. Se até aqui esperavam que os ingleses, franceses e americanos representassem a verdadeira democracia, se até aqui se manteve essa ilusão, pois agora a paz que eles oferecem à Áustria e à Alemanha dissipa completamente essa ilusão. Os ingleses comportam-se como se tivessem por objectivo especial provar a justeza das ideias bolcheviques sobre o imperialismo internacional.

Por isso no seio dos partidos que lutaram contra nós, por exemplo no campo plekhanovista, erguem-

se vozes que dizem: nos enganámo-nos, pensámos que o imperialismo alemão era o nosso principal inimigo e que os países ocidentais - a França, a Inglaterra, a América - nos trariam o regime democrático. Verificou-se que a paz que esses países ocidentais oferecem é 100 vezes mais humilhante, mais espoliadora, mais rapace do que a nossa paz de Brest. Verificou-se que os ingleses e americanos actuam como carrascos e gendarmes da liberdade russa, como esse papel era cumprido no tempo do carrasco russo Nicolau I, não pior do que os reis que desempenharam o papel de carrascos quando estrangularam a revolução húngara⁷. Esse papel foi agora assumido pelos agentes de Wilson. Eles estrangulam a revolução na Áustria, desempenham o papel de gendarmes, apresentam um ultimado à Suíça: não vos daremos cereais se não entrardes na luta contra o governo bolchevique⁸. Eles declaram à Holanda: não ouseis receber embaixadores soviéticos, de outro modo será o bloqueio. Eles têm uma arma simples: o garrote da fome. É com isso que eles estrangulam os povos⁹.

Nos últimos tempos, na época da guerra e depois da guerra, a história distingue-se por uma invulgar rapidez de desenvolvimento e demonstra a tese de que o imperialismo anglo-francês é tão odioso como o alemão. Não vos esqueçais de que na América temos a república mais livre, mais democrática, mas isso em nada impede que o imperialismo actue ali de modo igualmente feroz, que não só linchem os internacionalistas mas a multidão os arraste para a rua, os dispa, os regue com resina e lhes deite fogo.

Os acontecimentos desmascaram o imperialismo com uma força extraordinária e colocam a questão: ou o poder soviético ou o completo estrangulamento da revolução pelas baionetas anglo-francesas. Aqui já não se trata de entendimento com Kérenski. Sabeis que eles deitaram fora Kérenski como um limão espremido. Eles avançaram com Dútov e Krasnov. Agora a pequena burguesia ultrapassou esse período. O patriotismo empurra-a agora para o nosso lado, aconteceu assim, a história obrigou-a a actuar assim. E todos nós devemos ter em conta essa experiência de massas de toda a história mundial. Não se pode defender a burguesia, não se pode defender a Assembleia Constituinte, porque na realidade ela serviu Dútov e Krasnov. Parece ridículo como a Assembleia Constituinte pôde servir-lhes de palavra de ordem. Mas aconteceu assim porque a Assembleia Constituinte foi convocada quando a burguesia estava ainda na mó de cima. A Assembleia Constituinte revelou-se um órgão da burguesia, e a burguesia colocou-se do lado dos imperialistas, que conduzem uma política contra os bolcheviques. Ela estava disposta a tudo para estrangular o poder soviético pelos meios mais vis – a vender a Rússia a quem quer que fosse, desde que o poder soviético fosse aniquilado.

Tal foi a política que levou à guerra civil, que obrigou a democracia pequeno-burguesa a uma viragem. Certamente, as vacilações são sempre inevitáveis neste meio. Quando se verificaram as primeiras vitórias dos checoslovacos, essa intelectualidade pequeno-burguesa procurou difundir boatos segundo os quais a vitória dos checoslovacos era inevitável. Publicaram telegramas provenientes de Moscovo dizendo que Moscovo estava em vésperas de cair, que ela estava cercada. E nós sabemos muito bem que, em caso de vitórias, mesmo as mais insignificantes, dos anglo-franceses, a intelectualidade pequeno-burguesa, antes de mais nada, perderá a cabeça, ficará em pânico e começará a lançar toda a espécie de boatos acerca dos êxitos dos nossos adversários. Mas a revolução mostrou a inevitabilidade da insurreição contra o imperialismo. E agora os nossos «aliados» revelaram-se os principais inimigos da liberdade russa e da independência russa. A Rússia

7 Lenine refere-se à revolução democrática burguesa na Hungria em Outubro de 1918, como resultado da qual a Hungria se tornou um Estado independente.

8 Muito provavelmente Lénine refere-se à expulsão pelo governo suíço (por pressão do enviado americano) do representante plenipotenciário da RSFSR na Suíça.

9 Trata-se da súbita recusa do governo holandês de permitir a deslocação à Holanda do representante plenipotenciário da RSFSR, que já se encontrava a caminho, apesar de este último ter recebido do cônsul holandês em Moscovo um visto com a notificação do seu reconhecimento pelo governo holandês como representante plenipotenciário da RSFSR em Haia

não pode ser e não será independente se o poder soviético não for consolidado. Foi por isso que ocorreu uma tal viragem. Devido a ela incumbe-nos agora a tarefa de definir a nossa tática. Enganar-se-ia muito quem pensasse em transpor mecanicamente para o presente as palavras de ordem da nossa luta revolucionária do período em que não podia haver qualquer conciliação entre nós, em que a pequena burguesia estava contra nós, em que para sermos inabaláveis se exigia de nós a utilização do terror. Presentemente isso não seria sermos inabaláveis mas simplesmente estupidez, insuficiente compreensão da tática do marxismo. Quando tivemos que concluir o tratado de paz de Brest, essa medida, do ponto de vista estreitamente patriótico, parecia uma traição à Rússia; do ponto de vista da revolução mundial foi uma medida estratégica correcta, que era a que mais ajudava a revolução mundial. A revolução mundial desencadeou-se precisamente agora, quando o poder soviético se tornou uma instituição nacional.

E agora, apesar de a democracia pequeno-burguesa continuar a vacilar, as suas ilusões foram quebradas. E, naturalmente, nós devemos ter em conta esta situação, bem como todas as outras condições. Se anteriormente se observava entre nós um outro ponto de vista, era porque a pequena burguesia estava ao lado dos checoslovacos e a violência era inevitável, porque a guerra é a guerra e é necessário actuar como na guerra. Mas agora que essas pessoas começam a voltar-se para nós, não devemos virar-lhes as costas apenas porque dantes a nossa palavra de ordem nos panfletos e nos jornais era diferente. Quando vemos que eles dão meia volta na nossa direcção, devemos escrever os nossos panfletos de novo, porque a atitude dessa democracia pequeno-burguesa para conosco se modificou. Devemos dizer: sede bem-vindos, não vos receamos. Se pensais que nós só sabemos actuar pela violência, estais enganados. Poderíamos chegar a um acordo. E aqueles elementos que estão cheios de tradições, de preconceitos burgueses, todos os cooperadores, todas as categorias de trabalhadores que estão sobretudo ligados à burguesia, podem vir até nós.

Considere-se o conjunto da intelectualidade. Ela vivia uma vida burguesa, estava habituada a determinadas comodidades. Na medida em que ela se inclinou para o lado dos checoslovacos, a nossa palavra de ordem era a **luta implacável- o terror**. Dado que agora se verificou esta viragem no estado de espírito das massas pequeno-burguesas, a nossa palavra de ordem deve ser o **entendimento**, o estabelecimento de relações de boa vizinhança. Quando nos acontece ouvir um grupo da democracia pequeno-burguesa declarar que quer ser neutra em relação ao poder soviético, nós devemos dizer: a «neutralidade» e as relações de boa vizinhança são velhos disparates que de nada servem do ponto de vista do comunismo. São velhos disparates e nada mais, mas nós devemos discutir esses disparates do ponto de vista prático. Sempre encarámos assim as coisas e nunca esperamos que esses elementos pequeno-burgueses viessem a tornar-se comunistas. Mas devemos discutir as propostas práticas.

A propósito da ditadura do proletariado, dissemos que o proletariado deve ser a classe dominante sobre todas as restantes classes. Não podemos eliminar a diferença entre as classes antes da completa instauração do comunismo. As classes manter-se-ão enquanto não liquidarmos os exploradores, a grande burguesia e os latifundiários, que expropriaremos implacavelmente. Mas em relação ao médio e pequeno campesinato é necessário falar de outro modo. Ao mesmo tempo que reprimimos implacavelmente a burguesia e os latifundiários, devemos atrair para nós a democracia pequeno-burguesa. Quando eles dizem que querem ser neutros e ter conosco relações de boa vizinhança, nós respondemos: é disso que nós precisamos. Nunca esperamos que vos tornásseis comunistas.

Continuamos a manter-nos no terreno da expropriação implacável dos latifundiários e capitalistas. Aqui somos implacáveis e aqui não podemos entrar em qualquer via de conciliação ou de acordo. Mas sabemos que não é possível transformar a pequena produção em grande produção por meio de quaisquer decretos, que aqui é necessário persuadir gradualmente, à medida dos acontecimentos, da inevitabilidade do socialismo. Esses elementos nunca serão socialistas por convicção, socialistas

francos e autênticos. Eles tornar-se-ão socialistas quando virem que não há saída. Agora eles vêm: a Europa desmoronou-se de tal modo, o imperialismo chegou a uma tal situação, que nenhuma democracia burguesa os salvará, que só o poder soviético os pode salvar. É por essa razão que agora esse neutralismo, essas relações de boa vizinhança por parte da democracia pequeno-burguesa, não só não são terríveis para nós mas são mesmo desejáveis. É por essa razão que, se olharmos as coisas do ponto de vista de representantes da classe que exerce a ditadura, nós dizemos: nós nunca esperamos mais da parte da democracia pequeno-burguesa. Isso basta-nos. Vós tereis relações de boa vizinhança connosco, e nós teremos o poder de Estado. Depois da vossa intervenção acerca dos «aliados», nós legalizar-vos-emos de bom grado, senhores mencheviques. Isso será feito pelo Comité Central do nosso partido. Mas não nos esqueceremos de que no vosso partido permaneceram mencheviques «activistas», e em relação a eles os nossos métodos de luta continuam a ser os mesmos de antes, porque os «activistas» são amigos dos checoslovacos, e enquanto os checoslovacos não forem expulsos da Rússia, vós constituís inimigos iguais a eles. Nós reservamos para nós o poder de Estado, **só para nós**. Para com aqueles que têm connosco relações de neutralidade, nós raciocinamos como classe que detém o poder político e que dirige o gume da sua arma contra os latifundiários e os capitalistas e que diz à democracia pequeno-burguesa: se desejais passar para o lado dos checoslovacos e dos krasnovistas, nós mostrámos como lutámos e continuaremos a lutar de futuro. Se desejais seguir o exemplo dos bolcheviques, nós tomaremos a via de um acordo convosco, sabendo que o país não pode passar ao socialismo senão através de toda uma série de acordos, que nós poremos à prova, verificaremos, confrontaremos.

Nós tomámos esse caminho desde o princípio, por exemplo quando votámos a lei sobre a socialização da terra e a transformámos gradualmente numa medida graças à qual conseguimos unir os pobres do campo em torno de nós e virá-los contra os kulaques. Só à medida que o movimento proletário for vencendo no campo passaremos sistematicamente à posse colectiva social da terra e à agricultura social. Não era possível realizar esta tarefa a não ser apoiando-nos num movimento puramente proletário no campo, e neste aspecto há ainda muito a fazer. Está fora de dúvida que aqui só a experiência prática, só a realidade, mostrará como convém agir.

São diversas as tarefas do entendimento com o camponês médio, com os elementos pequeno-burgueses, com os cooperadores. Esta tarefa sofrerá modificações se a colocarmos em relação às associações que conservaram tradições e hábitos pequeno-burgueses. Esta tarefa sofrerá ainda algumas modificações se falarmos da intelectualidade pequeno-burguesa. Esta oscila, mas ela também nos é necessária para a nossa revolução socialista. Sabemos que só é possível construir o socialismo com os elementos da cultura do grande capitalismo, e a intelectualidade é um desses elementos. Se tivemos que lutar implacavelmente contra ela, não foi o comunismo que nos obrigou a isso, mas o curso dos acontecimentos que afastou de nós todos os «democratas» e todos os enamorados pela democracia burguesa. Presentemente surgiu a possibilidade de utilizar essa intelectualidade para o socialismo, essa intelectualidade que não é socialista, que nunca será comunista, mas que agora o curso objectivo dos acontecimentos e das correlações dispõe para a neutralidade em relação a nós, para a boa vizinhança. Nunca nos apoiaremos na intelectualidade, apoiar-nos-emos apenas na vanguarda do proletariado, que conduz atrás de si todos os proletários e todos os pobres do campo. O partido dos comunistas não pode ter outro apoio. Mas uma coisa é apoiar-se na classe que representa a ditadura, e outra coisa é dominar as outras classes.

Recordais-vos que Engels, mesmo em relação aos camponeses que empregam trabalho assalariado, disse: talvez nem todos tenham de ser expropriados¹⁰. Regra geral, nós expropriamos, e não há kulaques nos nossos sovietes. Nós esmagamo-los. Reprimimo-los fisicamente quando eles se infiltram num soviete e procuram aí estrangular o camponês pobre. Vedes como se aplica aqui a

10 Ver F. Engels, *A Questão Camponesa em França e na Alemanha*, in K. Marx / F. Engels, *Obras Escolhidas*, t. III, p. 531

dominação de uma classe. Só o proletariado pode dominar. Mas isto aplica-se de uma maneira ao camponês pequeno, de outra maneira ao camponês médio, diferentemente ao latifundiário, ao pequeno burguês. Toda a tarefa consiste em conseguirmos compreender essa viragem, provocada pelas condições internacionais, compreender que é inevitável que as palavras de ordem a que estávamos habituados durante este meio ano da história da revolução devem ser modificadas no que se refere à democracia pequeno-burguesa. Devemos dizer: nós conservamos o poder para a mesma classe. Relativamente à democracia pequeno-burguesa, a nossa palavra de ordem era o entendimento, mas forçaram-nos a usar o terror. Se estais verdadeiramente de acordo em viver em relações de boa vizinhança connosco, senhores cooperadores e intelectuais, então procurai desempenhar tais ou tais tarefas. E se não as desempenhardes, sereis violadores da lei, nossos inimigos, e nós lutaremos contra vós. Mas se mantiverdes relações de boa vizinhança connosco e desempenhardes essas tarefas, isso será mais que suficiente para nós. Temos um apoio sólido. Nós nunca duvidámos da vossa frouxidão. Mas não negamos que precisamos de vós, porque vós sois o único elemento culto.

Se não tivéssemos que construir o socialismo com os elementos que nos foram deixados em herança pelo capitalismo, a tarefa seria fácil. Mas a dificuldade da edificação do socialismo consiste precisamente em que temos que edificar o socialismo a partir de elementos completamente estragados pelo capitalismo. A dificuldade da transição consiste precisamente em que ela está ligada à ditadura que só uma classe pode dirigir - o proletariado. Daí decorre que nós dizemos a nós próprios que a linha será determinada pelo proletariado, educado e transformado em força combatente capaz de derrotar a burguesia. Entre a burguesia e o proletariado existe uma quantidade de graus intermédios, e em relação a eles a nossa política deve presentemente seguir as vias por nós previstas teoricamente, e agora podemos aplicá-la. Temos perante nós toda uma série de problemas, uma série de acordos, de tarefas técnicas, que nós, poder dominante proletário, devemos saber fixar. Devemos ser capazes de fixar ao camponês médio uma tarefa, a de ajudar na troca de mercadorias, no desmascaramento do kulaque. Aos cooperadores, uma outra: eles detêm um aparelho para a distribuição dos produtos em grande escala; devemos tomar para nós esse aparelho. À intelectualidade devemos fixar uma tarefa muito diferente; ela não é capaz de continuar a sabotagem e o seu estado de espírito é tal que ela tem agora em relação a nós uma atitude de muito boa vizinhança, e nós devemos utilizar essa intelectualidade, atribuir-lhe tarefas precisas, acompanhar e controlar a sua execução, proceder para com ela como Marx dizia em relação aos funcionários da Comuna de Paris: «Cada patrão sabe escolher os colaboradores e administradores que lhe convêm e, quando eles erram, sabe corrigir os erros, e se eles não servem substituí-los por outros, bons.¹¹» Nós edificamos o poder com elementos que nos foram deixados pelo capitalismo. Não podemos edificar o poder se uma herança da cultura capitalista como é a intelectualidade não for utilizada. Presentemente podemos tratar a pequena burguesia como um bom vizinho, que se encontra sob rigoroso controlo do poder de Estado. Aqui, a tarefa do proletariado consciente consiste em compreender que dominar não significa que ele próprio realize todas essas tarefas. Quem assim pensar não tem ideia do que é a edificação socialista, não aprendeu nada num ano de revolução e de ditadura. Para esses senhores será melhor ir para a escola e aprender aí alguma coisa, e aquele que aprendeu alguma coisa no tempo decorrido dirá para consigo: essa intelectualidade utilizá-la-ei agora na edificação. Tenho para isso apoio bastante no campesinato. E nós devemos recordar que é só no decurso dessa luta, numa série de acordos e experiências de acordos do proletariado com a democracia pequeno-burguesa que se produz a edificação que conduzirá ao socialismo.

Lembremo-nos de que Engels dizia que devemos actuar pelo exemplo. Nenhuma forma será definitiva enquanto não for alcançado comunismo integral. Não pretendemos conhecer o caminho com precisão. Mas avançamos para o comunismo inevitavelmente, inelutavelmente. Presentemente cada semana dá-nos mais que dezenas de anos de tempo de paz. O meio ano decorrido desde o

11 Ver K. Marx, *A Guerra Civil em França*, in K. Marx / F. Engels *Obras Escolhidas*, t. II, p. 241

tratado de paz de Brest foi uma época de vacilações contra nós. A revolução na Europa Ocidental começa a repetir o nosso exemplo e deverá reforçar-nos. Devemos ter em conta as modificações ocorridas, ter em conta todos os elementos, sem quaisquer ilusões, sabendo que os hesitantes continuarão hesitantes enquanto a revolução socialista mundial não vencer completamente. Isso possivelmente não acontecerá tão cedo embora o curso dos acontecimentos da revolução alemã permita esperar que será mais cedo do que muitos supõem. A revolução alemã desenvolve-se como se desenvolveu a nossa, mas num ritmo mais acelerado. Em todo o caso, a tarefa que se coloca perante nós é a luta encarniçada contra o imperialismo anglo-americano. Ele sentiu que o bolchevismo se tornou uma força mundial, e precisamente por isso procura estrangular-nos com a máxima rapidez, querendo primeiro acabar com os bolcheviques russos e depois com os seus próprios bolcheviques.

Nós devemos utilizar os elementos hesitantes que as atrocidades dos imperialistas empurram para o nosso lado. E fá-lo-emos. Sabeis muito bem que na guerra não se pode desprezar nenhuma ajuda, mesmo indirecta. Na guerra, mesmo a posição das classes hesitantes tem uma enorme importância. Quanto mais áspera é a guerra tanto mais devemos adquirir influência sobre os elementos hesitantes que se dirigem para nós. Daqui decorre que a tática que aplicámos durante meio ano deve ser modificada de acordo com as novas tarefas em relação às diferentes camadas da democracia pequeno-burguesa. Se consegui chamar a atenção dos funcionários do partido para esta tarefa e incitá-los a solucioná-la correctamente através da experiência sistemática, posso considerar que a minha tarefa foi cumprida.

2

DISCURSO DE ENCERRAMENTO ACERCA DO RELATÓRIO SOBRE A ATITUDE DO PROLETARIADO EM RELAÇÃO À DEMOCRACIA PEQUENO-BURGUESA

Camaradas, cabe-me fazer algumas observações finais. Antes de mais, gostaria de responder a propósito da questão do dogma, aqui levantada. Marx e Engels disseram muitas vezes que a nossa doutrina não é um dogma, mas um guia para a acção¹², e eu penso que devemos, antes de tudo e mais que tudo, não perder isto de vista.

A doutrina de Marx e Engels não é um dogma que se aprenda de cor. Ela deve ser considerada como um guia para a acção. Nós sempre o dissemos, e acho que actuámos judiciosamente, nunca caindo no oportunismo, mas modificando a nossa tática. Mas isto de modo nenhum constitui um afastamento da doutrina e de modo nenhum se lhe pode chamar oportunismo. Eu disse e repito uma e outra vez que esta doutrina não é um dogma, mas um guia para a acção.

Passando agora à observação do camarada Steklov: com quem nos entenderemos nós, com os estados-maiores ou com as massas?, eu responderei: em primeiro lugar, naturalmente, com as massas, e depois com os estados-maiores, e quando for necessário lutar contra os estados-maiores, tudo dependerá dos casos particulares. Voltarei a este tema, mas de momento não vejo praticamente qualquer possibilidade de acordo com o partido dos mencheviques e o partido dos socialistas-revolucionários. Dizem-nos que entender-se significa renunciar a alguma coisa. Em que é que cedereis e como renunciareis à linha fundamental? Isso será uma renegação, mas se for apenas na prática, não será nada de novo. É evidente que nós nunca renunciaremos aos nossos princípios. Presentemente não faz sentido falar disso. Há quinze anos discutia-se acerca da linha fundamental e dos princípios, e, infelizmente, tive que travar essas discussões principalmente no estrangeiro e não na Rússia. Mas agora trata-se do poder de Estado, e não se pode sequer falar de renunciar a ele seja em que medida for. Não foi por acaso que Wilson declarou: agora o nosso inimigo é o bolchevismo mundial. Isto declaram-no os burgueses de todo o mundo. Se eles preparam uma campanha contra

12 Ver *Carta de Engels a F. A. Sorge*, de 29 de Novembro de 1886

nós, isso significa que reconheceram que o poder bolchevique não é um fenómeno apenas russo, mas mundial. Seria ridículo e lastimável o bolchevique que propusesse à burguesia qualquer entendimento. E quando o incêndio revolucionário atingiu toda uma série de países, nenhum governo burguês capitalista o aceitará nem pode aceitá-lo.

A burguesia suíça, quando dos últimos acontecimentos, disse abertamente: nós não somos russos, não vos entregaremos o poder. O capitão Sadoul, que aderiu ao bolchevismo, escreve que se surpreende ao observar a surpreendente docilidade da burguesia russa e declara que a sua burguesia francesa não actuará da mesma maneira. Ali veremos uma muito maior exacerbação, e a guerra civil, se eclodir, assumirá as formas mais impiedosas, e isso está fora de qualquer dúvida.

A questão está completamente resolvida na prática por um ano de ditadura proletária, e não pode passar pela cabeça de nenhum de camponês, de nenhum operário, chegar a um entendimento com a burguesia. Mas estou plenamente de acordo em que um entendimento não é nada de novo. Apenas queria que nós deliberássemos em conjunto sobre estas questões.

As circunstâncias que particularmente afastaram de nós os mencheviques e os socialistas-revolucionários e a pequena intelectualidade - a luta implacável pelo tratado de paz de Brest no período da ofensiva do imperialismo alemão - essas circunstâncias estão ultrapassadas. Mas nós sabemos muito bem que êxitos, mesmo temporários, dos anglo-franceses, suscitarão novas vacilações dessa intelectualidade e da pequena democracia, que começará a semear o pânico e a desertar. Nós fazemos um acordo com eles para alcançar determinados resultados e para um determinado trabalho prático. Esta tática não pode provocar nem discussões nem surpresas. Mas que ela não foi compreendida, demonstraram-no muitos, e mesmo um membro tão influente do Soviete de Moscovo como o camarada Máximo. O camarada Máximo dizia que com Khintchuk se devia estabelecer não um acordo, mas um entendimento razoável. Quando publicámos na Primavera o primeiro decreto sobre as cooperativas e eles nos fizeram exigências sob a forma de ultimato, nós cedemos. É a isso que chamamos acordo - não se pode chamar de outro modo esta política. E se cada funcionário dos sovietes tomar isto por norma, se disser a si próprio e repetir a todos os camaradas: entende-te razoavelmente com a democracia pequeno-burguesa, eu considerarme-ei satisfeito.

Nós continuamos a estar no nosso trabalho, principalmente no trabalho a nível local, ainda demasiado longe de entender-nos razoavelmente. Pelo contrário, frequentemente não conseguimos o entendimento razoável. Acusam-nos disso, sem compreender que sem isso a nova edificação é impossível. Não há génio que pudesse construir uma nova vida sem aprender a construir. Quando é necessário entendermo-nos razoavelmente com homens práticos, não sabem fazê-lo. Para abrir uma loja é preciso saber organizá-la. São necessárias pessoas que conheçam o seu ofício. Nós, bolcheviques, muito raramente tivemos ocasião de aplicar os nossos conhecimentos neste trabalho prático. Muito raramente temos falta de agitadores, mas aquilo de que mais clamorosamente temos falta é de dirigentes práticos, de organizadores. E isso continua ainda hoje, apesar do ano de experiência que temos atrás de nós. Entendei-vos razoavelmente com qualquer homem que possua bastante experiência neste campo, que avance a palavra de ordem da neutralidade e das relações de boa vizinhança. Se ele sabe organizar uma loja, distribuir mercadorias, se ele pode ensinar alguma coisa, se é um homem prático, isso é uma grande aquisição.

Toda a gente sabe que entre os «amigos» do bolchevismo, desde que nós vencemos, existem muitos inimigos. A nós aderem frequentemente elementos absolutamente inseguros, trapaceiros, que politicamente vacilam, vendem, enganam, traem. E nós sabemos-lo bem, e isso não nos modifica. Isso é historicamente inevitável. Quando os mencheviques nos censuram porque entre os funcionários dos sovietes há numerosos elementos infiltrados, desonestos mesmo no sentido cívico comum, nós dizemos-lhes: onde é que poderemos arranjar melhores, como fazer para que os

melhores tenham confiança em nós imediatamente? Não há revolução que possa vencer e convencer imediatamente, que possa imediatamente obrigar a confiar nela. Ela começa num país, mas nos outros países não acreditam nela. Consideram a nossa revolução como um pesadelo, um caos, e nos outros países não esperam nada das nossas assembleias «caóticas» organizadas, a que chamamos soviets. E isto é inteiramente natural. Nós tivemos que conquistar muitas coisas. Por isso, quando nos dizem: é preciso entender-se razoavelmente com Khintchuk, ele sabe organizar uma loja, eu digo: entendei-vos também com outros, aceitai os pequenos burgueses, que sabem fazer muita coisa.

Se conseguirmos fazer penetrar essa palavra de ordem: «entendei-vos», se conseguirmos fazê-la penetrar nos espíritos ao nível local, se compreendermos que uma nova classe desperta para o poder, que tratam da direcção pessoas que nunca se haviam dedicado a uma coisa tão complexa e que, naturalmente, cometem erros, não nos perturbaremos. Sabemos que não é possível dirigir sem cometer erros. Mas, além dos erros, nós observamos uma utilização inábil do poder apenas como poder, quando as pessoas dizem: eu recebi o poder, eu ordenei e tu deves obedecer. Nós dizemos: em relação a toda uma série de elementos da democracia pequeno-burguesa dos sindicatos, dos camponeses e das cooperativas não apliqueis essa palavra de ordem, presentemente ela está a deixar de ser necessária. Por isso é mais razoável entender-se com a democracia pequeno-burguesa, particularmente com a intelectualidade – tal é a nossa tarefa. Naturalmente, entender-nos-emos sobre a nossa plataforma, entender-nos-emos como poder.

Nós dizemos: é verdade que passastes de hostilidade para uma posição de neutralidade e de boa vizinhança, é verdade que deixaste de ser hostis? De outro modo nós não fecharemos os olhos, diremos abertamente: guerra é guerra, e nós agimos como na guerra. Mas se vós passastes da hostilidade à neutralidade, se falais de relações de boa vizinhança – estas palavras retirei-as eu de declarações de pessoas que não pertencem ao campo dos comunistas, que ainda ontem estavam bastante mais próximas do campo dos guardas brancos¹³ - eu digo: uma vez que há pessoas assim, que passam numa escala tão vasta da hostilidade de ontem para a neutralidade e as relações de boa vizinhança de hoje, devemos continuar a nossa propaganda.

É sem razão que o camarada Khmel'nitski receia que os mencheviques realizem a sua propaganda de modo a dirigir a vida da classe operária. Nós não falamos dos sociais-democratas, que não compreenderam a república socialista, nós não falamos deles nem da burocracia pequeno-burguesa - neste domínio é a luta ideológica contra os mencheviques, uma guerra implacável. Dizer a um menchevique que ele é um democrata pequeno-burguês é para ele a pior das ofensas, e quanto mais tranquilamente tentarmos prová-lo ao menchevique maior será o seu furor. Pensar que cederemos sequer um centésimo ou um milésimo da posição que nós próprios alcançámos é um erro. Não cederemos nem a mais ínfima parcela.

Os exemplos que o camarada Schmidt citou provaram que mesmo o grupo do proletariado que se encontrava mais próximo da burguesia (como, por exemplo, os tipógrafos), os empregados pequeno-burgueses, os empregados bancários burgueses, que realizavam operações nos estabelecimentos comerciais e industriais, perdem muito com a transição para o socialismo. Fechámos uma grande quantidade de jornais burgueses, nacionalizámos os bancos, fechámos uma série de vias pelas quais os empregados dos bancos enriqueciam, participando na especulação, mas também nesse campo vemos hesitações, vemos que eles passam para o nosso lado. Se Khintchuk é valioso pelo facto de saber organizar lojas, o empregado bancário é valioso pelo facto de conhecer a técnica monetária, matéria na qual muitos de nós, embora possuindo conhecimentos teóricos, são

13 Guardas brancos: designação não oficial das formações militares que durante a guerra civil e a intervenção estrangeira na Rússia combateram pelo restabelecimento do regime burguês-latifundiário. Na literatura e na imprensa soviética, e também no uso corrente, a designação de guarda branca e de guardas brancos aplicava-se à contra-revolução em geral.

extremamente fracos na prática. E eu falo com um homem que conhece essa técnica e que me diz que passou da hostilidade de ontem à neutralidade e à boa vizinhança. Nós dizemos: entendei-vos razoavelmente com toda a gente. E se nos soviets de deputados o camarada Máximo aplicar essa tática,, da qual, como membro destacado do praesidium do soviete de deputados de Moscovo, ele falou em relação à intelectualidade e à pequena-burguesia vacilante, eu ficarei plenamente satisfeito e mais que satisfeito.

Passemos à questão das cooperativas. O camarada Steklov exprimiu-se do seguinte modo: as cooperativas exalam mau cheiro. O camarada Máximo disse em relação às cooperativas: não se deve escrever decretos como o último decreto do Conselho de Comissários do Povo. Não tivemos unanimidade no domínio prático. Para nós não é novidade termos de nos entender com a pequena burguesia nesta base se ela não nos for hostil. Se a antiga posição se revelar má, é necessário modificá-la quando novas circunstâncias o exigem. Que as coisas se alteraram neste aspecto, vemos-lo nós claramente. As cooperativas constituem aqui um exemplo convincente. O aparelho cooperativo é um aparelho de abastecimento, estabelecido não na base da iniciativa privada dos capitalistas, mas na da participação maciça dos próprios trabalhadores, e Kautsky, muito antes de passar para o lado dos renegados, tinha razão ao dizer que a sociedade socialista é uma grande cooperativa.

Se nós nos esforçamos por estabelecer o controlo e organizar praticamente a economia para centenas de milhares de pessoas, não devemos esquecer que quando os socialistas discutem esta questão indicam que os dirigentes dos *trusts* lhes podem ser úteis como práticos experientes. Presentemente a experiência mostra que os elementos pequeno-burgueses passaram da hostilidade à neutralidade. E ao mesmo tempo é preciso compreender que eles sabem organizar lojas. Não o negamos: como ideólogo, Khintchuk está inteiramente impregnado de preconceitos burgueses, e todos eles tresandam a esses preconceitos, mas ao mesmo tempo têm conhecimentos práticos. Do ponto de vista das ideias, temos todos os canhões do nosso lado e eles não têm nenhum. Mas quando eles dizem que não são hostis e passam à neutralidade, nós devemos ter em conta que agora centenas e milhares de pessoas menos capazes que Khintchuk estão também dispostas a entender-se razoavelmente. Eu digo: é necessário saber entender-se com eles. No domínio da edificação prática eles sabem mais, fazem melhor, e é preciso aprender com eles. Que eles aprendam connosco a influir sobre o proletariado internacional, mas nós aprenderemos com eles a organizar lojas. Nós não sabemos fazê-lo. Aqui são necessários em cada domínio técnicos com conhecimentos especializados.

E no que se refere às cooperativas, não compreendo por que é que aqui cheira mal. Quando apresentámos o primeiro decreto sobre as cooperativas, convidámos para discussão no Conselho de Comissários do Povo pessoas que não só não eram comunistas como estavam bastante mais próximas dos guardas brancos, aconselhámo-nos com elas, perguntámos-lhes: podeis aceitar isto? Elas disseram: isto sim, mas aquilo não podemos. Naturalmente, de um ponto de vista aparente ou não reflectido, isto era um entendimento com a burguesia. Os convidados eram representantes das cooperativas burguesas, e por sua indicação foram suprimidos alguns artigos do decreto. Por exemplo, foi suprimido o artigo sobre a fruição e a adesão gratuita às cooperativas proletárias. Isto parecia-nos inteiramente aceitável,mas eles rejeitaram a nossa proposta.

Nós dizemos que devemos seguir a via do entendimento com as pessoas que sabem organizar as lojas muito melhor do que nós, Não somos competentes neste campo, mas não abandonaremos de modo nenhum a nossa luta. Quando publicámos o decreto seguinte, semelhante ao anterior, o camarada Máximo disse: não se deve escrever semelhantes decretos, porque aí se diz: abrir novamente as cooperativas encerradas. Isto mostra que entre os funcionários do soviete de deputados de Moscovo, tal como entre nós, existem certos mal-entendidos, e até para eliminar tais mal-entendidos é necessário organizar reuniões e conversas como a de hoje. Nos indicámos que, no

interesse da nossa causa, tínhamos a intenção de utilizar não apenas os sindicatos em geral mas também o sindicato dos empregados do comércio e da indústria, e os empregados do comércio e da indústria foram sempre um suporte do regime burguês. Mas uma vez que essa gente vem ter conosco e diz: nós concordamos em viver em relações de boa vizinhança, acolhei-os cordialmente, há que aceitar a mão estendida, não vos cairá a mão por isso. Não esqueceremos que, se amanhã os imperialistas anglo-franceses atacarem, eles se afastarão de nós e serão os primeiros a fugir. Mas quando esse partido, quando esses elementos burgueses não fogem, nós repetimos: é necessária uma aproximação com eles. Por isso aprovámos o decreto que foi publicado no domingo e que não agrada ao camarada Máximo - com isso ele mostra que aplica a velha tática comunista, inaplicável às novas circunstâncias. Se o escrevemos ontem e recebemos em resposta a resolução do Comité Central dos Empregados¹⁴, seríamos tolos se disséssemos: começaste fora de tempo, para que é que escreves, quando se iniciou uma viragem, quando a situação se modifica.

Os capitalistas armados prosseguem a guerra cada vez mais obstinadamente, e para nós é terrivelmente importante utilizar essa viragem, ainda que temporária, para a edificação prática. Temos todo o poder. Podemos não encerrar as cooperativas e reabrir as que foram encerradas, porque as fechámos quando elas serviam a agitação dos guardas brancos. Mas qualquer palavra de ordem é susceptível de tornar-se mais rígida do que é necessário. Quando a Rússia era percorrida pela onda de encerramento das cooperativas e estas eram perseguidas, isso era exigido pelas condições do momento. Mas presentemente as condições não o exigem. Elas são um aparelho muito importante, ligado ao campesinato médio, um aparelho que agrupa as camadas fragmentadas, dispersas, dos camponeses. Esses Khintchuk fazem um trabalho útil, iniciado pelos elementos burgueses. Quando esses camponeses e democratas pequeno-burgueses dizem que passam do hostilidade à neutralidade, às relações de boa vizinhança, nós devemos dizer: é disso mesmo que nós precisamos. E vamos lá, bons vizinhos, entender-nos razoavelmente convosco. Nós colaboramos convosco de todas as maneiras, realizamos os vossos direitos; examinaremos as vossas pretensões, dar-vos-emos todos os privilégios, mas tereis que cumprir as tarefas que vos atribuímos. Se o não fizerdes, então sabeis que todo o aparelho da Comissão Extraordinária¹⁵ continua a ser nosso. Se não souberdes usar os vossos direitos e não cumprirdes as tarefas que vos atribuímos, todo o aparelho do Controlo do Estado continua a ser nosso, e nós considerar-vos-emos como infractores da vontade do Estado. Deveis prestar-nos contas até ao último copeque, e a infracção dessa regra será punida como infracção da vontade do Estado e das leis do Estado.

Todo esse controlo continua nas nossas mãos, mas atrair agora essas pessoas para o nosso lado, ainda que temporariamente, é uma tarefa que não é gigantesca do ponto de vista da política mundial, mas que é extremamente necessária para nós. Ela reforçará a nossa posição na guerra. Nós não temos uma retaguarda satisfatória. Isso dar-nos-á uma vitória moral, porque mostrará ao imperialismo da Europa Ocidental que ele encontrará no nosso país uma resistência bastante séria, e isso não deve ser negligenciado, pois em cada país existe a sua oposição interna operária, proletária, contra o ataque à Rússia. É por isso que penso, tanto quanto se pode julgar pela declaração do camarada Maximov, que estamos perto de um determinado acordo. E mesmo que surjam divergências, elas não são assim tão essenciais, pois, uma vez reconhecida a necessidade de um entendimento razoável com o conjunto da democracia pequeno-burguesa, da intelectualidade, dos cooperadores, dos sindicatos que ainda não nos reconhecem, sem deixar escapar o poder das mãos, se nós aplicarmos firmemente esta política durante todo o Inverno, ganharemos já uma grande vantagem para toda a causa da revolução internacional.

14 Trata-se do decreto «Sobre a organização do abastecimento», aprovado pelo Conselho de Comissários do Povo em 21 de Novembro de 1918 e publicado na imprensa em 24 de Novembro. Numa nota do Conselho dos Sindicatos dos Empregados de Toda a Rússia ao Conselho de Comissários do Povo, indicava-se a necessidade de atrair os membros dos Sindicatos de empregados ao trabalho de organização do abastecimento, de acordo com o decreto do Conselho de Comissários do Povo.

15 Comissão Extraordinária de Toda a Rússia: órgão especial de combate à contra revolução e à sabotagem em 1917-1922. Era dirigida por F. E. Dzerjinski.